

O auto do bumba meu boi: cultura popular como instrumento de alfabetização

MARCELO NICOMEDES SILVA FILHO¹

DANIELLE CARVALHO PINTO²

DELICIMARA BATISTA CALDAS³

Resumo

A alfabetização é um dos grandes desafios do século XXI. Assim, professores, conscientes de seu papel no processo de alfabetizar, buscam realizar ações pedagógicas que enfoquem o desenvolvimento e a construção da linguagem a partir de atividades que possibilitem a leitura e a escrita em dimensões reais, naturais, significativas e vivenciadas. Na tentativa de atingir tal propósito e cientes de que é inegável o papel da cultura popular na vida de todo ser humano, elaborou-se o Projeto Auto do Bumba-Boi, cujas atividades realizadas com as histórias de Catirina e de Pai Francisco, personagens do auto, visavam alfabetizar alunos da III etapa do ensino fundamental de uma escola pública de São Luís, Maranhão, usando as manifestações culturais da região a que eles pertencem. Vale ressaltar que o bumba meu boi, dança escolhida como eixo da pesquisa, é uma das lendas mais conhecidas do folclore brasileiro. Com origem datada do século XVIII, ele está presente em diversos estados com diferentes nomes: boi-bumbá, boi de reis, reisado cearense e boi de mamão.

Palavras-chave: Bumba meu boi; cultura popular; alfabetização.

Abstract

The literacy is one of the great challenges of the century XXI. Like this, teachers, conscious of their role in the process of alphabetizing, look for to accomplish pedagogic actions that focus the development and the construction of the language starting from activities that make possible the reading and the writing in real dimensions, natural, significant and lived. In the attempt of reaching such purpose and aware that it is undeniable the paper of the popular culture in every human being's life, the project act of Bumba-boi act was elaborated whose activi-

ties accomplished with the histories of Catirina and of Pai Francisco, characters of the act, sought to alphabetize students of the III Stage of the Fundamental Teaching of a public school of São Luís of Maranhão, using the cultural manifestations of the area what they belong. It is worth to stand out that the Bumba-meu-boi, dance chosen as axis of the research, it is one of the legends more acquaintances of the Brazilian folklore. With dated origin of the century XVIII, he is present in several states with different names: Boi-Bumbá, Boi de Reis, Reisado from Ceará and Boi de Mamão.

Keywords: Bumba meu boi; popular culture; literacy.

Resumen

La alfabetización es uno de los grandes retos del siglo XXI. Por lo tanto, los profesores son conscientes de su papel en el proceso de alfabetización, tratando de realizar actividades pedagógicas que se centran en el desarrollo y construcción de la lengua de las actividades que permiten la lectura y la escritura en dimensiones reales, naturales, significativa y con experiencia. En un intento por lograr tal propósito, y consciente de que no se puede negar el papel de la cultura popular en la vida de todo ser humano, se elaboró el proyecto del Boi-Bumba cuyas actividades con historias Catirina y Padre Francisco, personajes auto , dirigido a estudiantes de alfabetización Paso escuela Primaria III una escuela pública en São Luís do Maranhão, con eventos culturales de la región a la que pertenecen. Es de destacar que la danza Bumba-meu-boi, elegido como eje de investigación es una de las más famosas leyendas del folclore brasileño. Cuyos orígenes se remontan al siglo XVIII, está presente en varios estados con diferentes nombres: Boi-Bumba, Boi de Reyes, Reyes de Ceará y Boi Papaya.

Palabras-clave: Bumba meu boi; cultura popular; alfabetización.

Introdução

Assim como a língua, a cultura popular está em constante mutação dentro das suas formas de manifestação, quer seja pela mudança promovida pela forma como ela é transmitida a outras gerações, quer seja pela pouca interferência da escola na vida dos alunos (FAZENDA, 1996).

Segundo Fazenda (1996), a escola, nesse quesito, tem um papel fundamental de promover, fomentar e cultivar nos alunos o prazer pela leitura e pelas formas de cultura oral – práticas que levam os alunos a refletir sobre o meio em que vivem e como transformá-lo usando as aulas agregadas à sua vivência cotidiana. Trabalhar de forma interdisciplinar é hoje uma necessidade que se alia às novas tecnologias para auxiliar no

processo ensino-aprendizagem. Além disso, as práticas podem levar o aluno a vislumbrar de forma concreta os personagens e atuar sentindo suas emoções, trazendo à tona o resgate do lúdico que anda meio esquecido em nossas escolas.

É sabido que toda comunidade tem uma manifestação popular: no caso do estudo em questão, um cacuriá, uma roda de ladainha, um grupo de dança, um grupo de bumba meu boi, além de diversas outras práticas, que carregam consigo o apelo à dança e à oralidade. O ensino de língua portuguesa pode e deve ser uma ponte que negocie com os alunos o prazer do descobrimento, da magia que há por trás das histórias e de suas manifestações culturais e também dos livros que as narram, fazendo com que os alunos consigam sentir prazer ao ter contato com as diferentes formas de manifestações culturais de sua região.

Vivenciar experiências que vão além daquilo que se tem delimitado nos livros nos dá uma visão mais difusa de como a vida tem estreita relação com a arte e de como a vida pode influenciar no ensino de língua portuguesa e o da literatura nas escolas. Todorov (2010, p. 27) diz sobre essa relação que:

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos.

Portanto, cultivar nos alunos o gosto pela leitura é essencial, mas o objetivo de ensinar português e literatura vai além da leitura de um romance, vai além do prazer de ler um poema e sentir que ele tem algo a ver com quem o lê. Sentir-se parte daquela história é importante, porém poder transformá-la é o que se almeja.

Nessa perspectiva, é papel dos professores incentivar os alunos, mas para além de estímulo, precisa-se de atitude, como demonstra Barbosa (2005, p. 65):

Inicialmente, é preciso saber que a sua prática depende de atitude que cada educador deve tomar frente ao conhecimento despindo-se de toda postura positivista que o tem caracterizado nesse século, superando o parcelamento do saber em busca da objetividade necessária que possibilite a compreensão global da realidade. É preciso entender,

também, que o conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social.

O que cita Barbosa (2005) sobre a amplitude na vida social é o que de fato se busca ao colocar os alunos no convívio das expressões culturais. O saber da escola é importante, faz-nos ver a vida por outro prisma, mas vale lembrar que o saber popular excede toda e qualquer educação formal, carregando consigo toda herança cultural de povos ao passar dos anos. Traz à tona discussões que não se poderiam ter em uma aula convencional.

Nesse sentido, Guedes e Souza (1998) asseveram que a escola projeta o aluno para um contexto de diálogo com a cultura. Esse processo se dá pela escrita; sendo assim, ensinar os alunos a escrever é convidá-los para o diálogo dentro da escola e na sala de aula.

O auto do bumba meu boi

O Estado do Maranhão é um verdadeiro caldeirão de variedades de manifestações populares, dentre elas listam-se a dança do lelê, o cacuriá, a dança do coco, as danças portuguesas e o bumba meu boi. O auto do bumba meu boi é sem dúvida a manifestação cultural de maior expressão dentro do Estado do Maranhão, pois arrasta multidões às ruas durante o mês de junho, quando são apresentadas encenações nos terreiros.

O termo “auto designa toda peça breve de tema religioso ou profano, em circulação durante a idade média, equivalia a um ato que integrasse espetáculo maior e completo; daí o apelativo que recebeu: auto” (MOISÉS, 1988, p. 49). É importante salientar que o auto do bumba meu boi surgiu no final do século XII, de um tipo mais antigo de manifestação, que tinha o nome de “Auto de los Reyes Magos”, e, chegando a Portugal no início do século XV, foi desenvolvido por Juan del Encina, no ano de 1502. Gil Vicente encenou-o em um auto chamado de “Monólogo do Vaqueiro” ou “Auto da Visitação”.

Para os brasileiros, o auto vicentino chegou por volta do século XVI, trazido pelo Padre José de Anchieta. Escritos como esses eram usa-

dos na educação dos colonos e nas aulas de catequese. Nesse período, os elementos do auto original começaram a ser mesclados com aqueles culturais indígenas e africanos, culminando na transformação do auto em uma manifestação popular e folclórica brasileira (MOISÉS, 1988).

A história que se conta do Auto do Bumba-Boi é aquela de dois escravos de uma fazenda, um deles era mulher, chamada de Catirina ou Caterina, dependendo de onde representado, e o outro era seu companheiro, chamado de Pai Francisco. Um dia, Catirina desejou comer a língua de um boi, pois estava grávida (e desejo de grávida deve ser atendido). Pai Francisco relutou em fazer o que a esposa queria, mas, devido à insistência de sua amada, ele acabou sequestrando e matando o boi mais mimoso da fazenda. No decorrer da história, o dono procurou desesperado o boi e descobriu que ele fora roubado. Mandou então os caboclos o procurarem e descobriu que o Nego Chico (Pai Francisco) fora quem sequestrara o boi e pediu-lhe que o restituísse. Nego Chico lhe trouxe o boi, que estava muito doente, e, nesse momento, os dois acordaram em chamar um doutor (em algumas versões, falava-se do pajé para curar o boi). Foi feito um ritual para ressuscitar o boi. Ele urrou e sarou da enfermidade, mas o dono não viu mais aquele apreço pelo boi e decidiu mandar matá-lo. O pobre animal foi amarrado em um mourão e sangrou até a morte.

A representação desse auto pode ser vista de diversas formas, dependendo do território de onde ele é oriundo; podem-se ter versões adaptadas, umas mais detalhadas e outras menos, mas na sua maioria se tem a preservação dos personagens principais: Nego Chico, Catirina, o Boi e o Fazendeiro.

O auto é largamente cantado por autores de toadas dos grupos de bumba-boi. Uma dessas toadas trata do roubo do boi, envolvendo os personagens Catirina, Pai Francisco e o Amo, intitulada “Mimo da Fazenda”, cuja autoria é de Fernandinho e Paulinho Junior, representantes de um grupo Alternativo que toca três sotaques: Ilha, Pindaré e Zabumba. A referida toada é cantada no sotaque de Matraca/Ilha. É um auto cantado, como os autores definem a música. Eles justificam a criação dizendo ainda que se inspiraram para compor em um momento em que não se falava mais e não se via o auto nas apresentações nos arraiais da cidade. Segue a letra:

Mimo da Fazenda
(Paulinho JR/ Fernandinho)

Fui chegando a porteira
Encontrei Nego Xico na boiada
E tentava laçar o novilho mimado do patrão

Meio desesperada Catirinha gritou:
Negro Xico, quero a língua desse boi
Mas Catirina, essa língua tiro não
É cria da fazenda, promessa pra São João

Laê, vaqueiro cadê meu boi?
Não tá mais lá no curral?
Patrão Xico roubou, sua língua arrancou

Iê sô, cadê meu boi?
Iê sô, cadê meu boi?

O bumba meu boi do Maranhão

Diferentemente dos outros Estados onde ocorre a manifestação folclórica do bumba meu boi, no Maranhão a brincadeira, como é chamada pelos brincantes, é muito diversificada. Em outros Estados o que se observa é um folguedo que tem uma única forma de se apresentar. No Estado do Maranhão, a diversidade nas formas de se apresentar o auto é chamada de sotaque. Os sotaques são nada mais do que categorias que tentam organizar o bumba meu boi, sendo que cada sotaque traz consigo características da região de onde é oriundo.

Sendo assim, indumentária, instrumentos, bailado, ritmo, todos esses aspectos mudam de um sotaque para o outro. Dentre os sotaques mais conhecidos podem-se citar o de Matraca ou Ilha, o Zabumba ou Guimarães, a Baixada ou Pindaré, a Costa de Mão e os Alternativos. Para entender melhor como cada um desses sotaques se apresenta, caracterizar-se-á cada um deles a seguir, a fim de que se possa ter uma visão mais ampla do que cada um difere do outro.

O sotaque de Matraca ou Ilha é originário da Ilha de São Luís, sotaque secular que tem os grupos mais antigos concentrados na zona rural de São Luís. Esse sotaque é o mais participativo dentre todos os que aqui serão apresentados. Seus instrumentos são, basicamente, matracas, pan-

deirões, maracá e tambor-onça. Geralmente, ao se entoar uma toada, o cantador a inicia sem o acompanhamento e, logo em seguida, balança o maracá, chamando o batalhão para que o siga. A indumentária é basicamente composta de penas de ema, canutilhos, paetês, tecidos coloridos, o que faz com que os personagens indígenas, caboclos de pena e de fita, fiquem bem trajados para as apresentações. Os grupos mais conhecidos são o da Maioba, Maracanã, São José de Ribamar, Madre Deus, Maiobão, Iguaíba e Pindoba. O ponto culminante dos bois de Matraca é a festa de São Marçal, que ocorre no dia 30 de junho, no Bairro do João Paulo, onde se reúnem todos os “bois” para cantar louvores ao Santo.

O sotaque de Zabumba ou Guimarães (pois é originado na cidade de Guimarães) é o sotaque mais antigo, originado da região noroeste do Estado, próximo à Baixada Maranhense. Diferentemente do sotaque de Matraca, não tem em sua orquestra matracas. Em seu lugar há pandeirinhos, maracás, tambor-onça e o acompanhamento da zabumba. O ritmo é mais agressivo, com uma “pegada” mais rápida e um bailar que acompanha o ritmo acelerado, ditado pela Zabumba. As personagens indígenas, chamadas de Tapuias, e a sua indumentária são compostas de penas de ema sem muito outro ornamento; o destaque nesse sotaque fica por conta da indumentária usada pelos vaqueiros, que é muito bem bordada com canutilhos, missangas, todos bordados a mão. Embora seja o sotaque mais antigo, é um dos que mais sofre para se manter hoje e proporcionalmente tem menos grupos de praticantes do que os sotaques de Matraca e Orquestra. Os grupos principais são os Bois de Guimarães, Boi da Fé em Deus e Unidos Venceremos.

O sotaque de Orquestra é hoje um dos mais apreciados, especialmente pelos turistas, pela musicalidade e pelo bailado bem dançante. A indumentária das indígenas é bem trabalhada e diferente dos outros grupos. Dentre os sotaques é aquele mais novo, com aproximadamente 50 a 60 anos e, por isso, é o que incorpora a maior quantidade de mudanças, as quais são muito questionadas pelos mestres mais antigos do bumba-boi do Maranhão. A orquestra desse sotaque é bem variada, sendo composta por saxofone, trompete, matracas, pandeirão, banjo e tambor-onça. Vários instrumentos juntos proporcionam uma melodia que atrai muito os jovens por ser mais próximo às novas tendências da música popular. Nesse sotaque os bois mais conhecidos são o de Axixá, Morros e Nina Rodrigues.

O sotaque da Baixada ou Pindaré é originário da Baixada Maranhense e é diferente dos anteriores porque tem um ritmo mais cadenciado, em

que os instrumentos de percussão usados são as matracas, pandeirões, maracás. Nesse sotaque, o ícone é o cantador Coxinho, muito conhecido pelas suas belas toadas. É o único sotaque que traz os belíssimos Cazumbás, personagem que representa a terra e que está no cordão para proteger o boi daqueles que o querem matar. Os principais grupos nesse sotaque são o de Pindaré, o de Engenho de Pindaré e Santa Fé.

O sotaque de Costa de Mão é originário da cidade de Cururupu, Baixada Maranhense, e pouco conhecido na capital maranhense. O sotaque de Costa de Mão é aquele que apresenta a menor quantidade de grupos; sendo assim, corre grande risco de desaparecer, por falta de investimento e por falta de brincantes interessados em manter a brincadeira. Esse sotaque tem como instrumentos pequenos tambores, que são apoiados com uma corda no pescoço dos vaqueiros, zabumbas e também conta com maracás, que acompanham o ritmo. Esse sotaque tem uma história curiosa, vinculada ao seu nome, pois é tocado pelos brincantes utilizando as costas das mãos. O motivo de ser tocado dessa forma é, segunda uma história, porque os escravos trabalhavam o dia inteiro e, um certo dia, resolveram se reunir para uma festa de bumba-boi, mas o dono da fazenda proibiu, alegando que eles não conseguiriam tocar e no outro dia voltar às suas obrigações na lavoura e nos afazeres da fazenda. Foi nesse momento que os escravos disseram que então, ao invés de tocar com as palmas das mãos, usariam as costas, preservando, assim, as mãos para o outro dia de labuta na fazenda. Esse sotaque tem como principal grupo o Boi de Cururupu, originário da cidade que leva o mesmo nome.

Alguns grupos transitam pelos diversos sotaques, não havendo, assim, predominância de um ou outro. Por não terem um sotaque definido, suas vestes e orquestra apresentam uma variedade muito grande: as vestes são na sua maioria compostas por cores vivas e a orquestra apresenta uma gama bem diversificada de instrumentos, tanto de percussão como de sopro. Nesse sotaque, os grupos mais destacados são o Boizinho Barrica, Boi Pirilampo e o Boizinho Incantado.

Os elementos-personagens do auto

No auto do bumba-boi não pode faltar o que chamam de toadas de cativoiro, como um dos amos de um tradicionalíssimo boi de São Luís chama aquelas todas, que sempre são tocadas e que não podem faltar em uma

apresentação, tais como: o “guarnicê”, “o lá vai”, “o chegou”, “o urro”, “a despedida”. Essas toadas compõem, no tempo do São João, as apresentações do auto resumido do bumba-boi, pela razão de que as apresentações terem obrigatoriamente de durar cerca de 1 hora, pela grande quantidade de grupos que têm de se apresentar nos terreiros dos bairros onde se têm arraiais. Os personagens desses autos são:

- **Dono da Fazenda** – na brincadeira, o amo do boi faz as vezes do dono da fazenda, conduzindo todo o batalhão pelo terreiro; no auto, é o amo quem conduz toda o ritual, sendo que o boi desaparece e os responsáveis pelo roubo são capturados e punidos;
- **Pai Francisco** – em algumas histórias, é um rico fazendeiro, mas que tem inveja do boi da fazenda vizinha; em outras, é um dos escravos que trabalhava na fazenda de onde o boi é roubado. No auto está sempre a procura do boi, cercando-o e desejando tirar-lhe a língua para dá-la à sua esposa, gestante, e deseja comer a língua do boi;
- **Mãe Catirina** – é a esposa de Pai Francisco e quem pede a seu esposo a língua do boi para satisfazer seu desejo de grávida. Acompanha sempre Nego Chico, como também é chamado o Pai Francisco;
- **Índias (indígenas)** – estão na trama para proteger o boi e têm em suas vestes penas de aves, no cocar, no peitoral e na saia;
- **Miolo** – responsável por animar o boi, o miolo fica debaixo do boi dando vida ao personagem central da trama; em algumas regiões, é conhecido também como tripa ou fato;
- **Vaqueiros** – são os empregados da fazenda, que, logo após o sumiço do boi, vão, a pedido do seu amigo, em busca do boi e de quem o roubou;
- **Mutuca** – são pessoas que ajudam na organização da dança, geralmente mulheres, dando água ou outras bebidas para os brincantes; contribuem para que as coisas ocorram nas apresentações;
- **Caboclo de fita** – semelhantes aos vaqueiros, os caboclos de fita trazem em sua roupa longas fitas coloridas;
- **Caboclo de pena** – são semelhantes aos indígenas, os responsáveis em proteger o boi, daí os Caboclos de Pena ou Caboclo Real bailarem ao redor do boi.

O projeto de alfabetização em execução

O processo de alfabetização em nosso país vem sofrendo mudanças conceituais e metodológicas. Pesquisas têm mostrado a necessidade de se investir em práticas diferenciadas, que proporcionem melhor aprendizado ao aluno. Segundo Soares (2004), a perplexidade do poder público e da sociedade diante do fracasso da escola em alfabetizar, evidenciadas principalmente por instrumentos de avaliações estaduais e nacionais, movimenta educadores no intuito de criar propostas de solução para esse tão grave problema.

Mas, de fato, o que é alfabetização? Para alguns educadores, nada mais é do que a aquisição de sistema alfabético de escrita. Esse processo capacita uma pessoa a ler, compreender um texto e ainda se expressar por escrito (SPARTA, 2011).

Para outros autores, como Ferreiro (1985), o processo de aprendizagem da escrita é evolutivo e não há necessidade de se estabelecer de imediato a associação entre letra e som. A autora ainda diz que é importante que a criança descubra o caráter simbólico da escrita e, para tal, precisa que se ofereçam a ela situações em que a escrita se torne objeto de seu pensamento. É imprescindível dizer que a criança precisa ser colocada em ambiente que possibilite descobertas. Ferreiro e Teberosky (1981) ressaltam a valorização das histórias ouvidas e contadas pelas crianças e descritas pelo professor, pois assumem significação no processo de construção da linguagem. Assim, Ferreiro e Teberosky (2001, p. 18) asseveram: “A escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de meios culturais, de diversas situações educativas e diversas línguas”.

É notório o valor da cultura popular em nossas vidas e a importância que ela assume no universo infantil, podendo ser um excelente instrumento didático, que possibilite ao aluno situações de aprendizagem, proporcionando um ambiente agradável de contextualização e de sistematização do conhecimento.

Em assim pensando, com o objetivo de alfabetizar o aluno na medida em que se apropria de sua história e preserva a memória das tradições culturais que marcam sua região, criou-se o Projeto Auto do Bumba-Boi, que trabalha leitura e (re)escrita de texto narrativo, que conta a história de Catirina e Pai Francisco. A hipótese é de que assim se possibilita a identificação com o objeto de estudo e se estimula a valorização das raízes culturais. O que se busca é uma alfabetização contextualizada à realidade

do aluno e com seus conhecimentos prévios. Segundo Soares (2003), alfabetização e letramento são processos interdependentes e específicos e o ideal seria alfabetizar letrando, o que significa garantir a especificidade da alfabetização, ao mesmo tempo em que se deve inserir as crianças, desde cedo, nas diferentes práticas de leitura e escrita.

Morais (2003) destacou que, se o desejo é alfabetizar em uma perspectiva de letramento, deve-se proporcionar sistematicamente a apropriação da notação escrita e do seu uso social real pela criança, a fim de garantir que elas se tornem autonomamente letradas, exercitando a capacidade e ler e escrever textos com as características e finalidades que as pessoas letradas utilizam na sociedade.

Para tais fins, no Maranhão, destaca-se na cultura popular o bumba meu boi, cujo auto conta, como já descrita, a história de Catirina, que convence seu marido, Pai Francisco, empregado de uma fazenda, a matar o boi preferido do seu patrão, no intuito de realizar o desejo de comer a língua do boi.

O projeto em questão foi realizado com 32 alunos da III etapa do 1º ciclo do ensino fundamental na unidade de ensino básico Estudante Edson Luiz de Lima Souto, no período 6 a 24 de junho de 2011. Assim, como instrumento didático de alfabetização, o auto foi contado por meio de leitura em voz alta pela professora, apresentado como uma história importante, que rege as brincadeiras de bumba-boi características dessa região.

O texto e seus personagens foram ampliados e anexados na sala de aula, com o objetivo de possibilitar a visualização da escrita e a identificação dos personagens pela turma. Os alunos são estimulados a ler individualmente o texto ampliado e a discutir, em uma roda de conversa, as informações relevantes obtidas pela leitura, fazendo, assim, suas interpretações.

Em seguida, com a intencionalidade de trabalhar a memória, a expressão oral, a articulação de fala, o pensamento lógico, a coerência, a coesão e capacidade de síntese, foi solicitado aos alunos que recontassem, em duplas, a história de Catirina e Pai Francisco. Nesse momento, os alunos contam a história da maneira como a entenderam, apropriando-se da narrativa. Por ser um trabalho realizado em duplas, pratica-se também o respeito pela fala do colega, exercitando a capacidade de ouvir e de aprender a esperar o momento de sua fala.

Para favorecer a reflexão sobre a escrita, os alunos foram orientados a fazer individualmente a reescrita do texto, segundo suas próprias

hipóteses de apropriação da linguagem escrita, sem interferência direta da professora no momento dessa produção. Isso se mostra consoante à observação das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1986), que defendem uma alfabetização contextualizada e significativa, por meio da transposição didática das práticas sociais da leitura e de escrita para a sala de aula, e consideram a descoberta do princípio alfabético como uma consequência da exposição aos usos da leitura e da escrita. Devem ocorrer de uma forma reflexiva, a partir da apresentação de situações problemas em que os alunos revelem espontaneamente as suas hipóteses e sendo levados a pensar sobre a escrita, cabendo ao professor o papel de intervir de forma a tornar mais efetiva essa reflexão.

Como uma forma lúdica de trabalhar a estrutura do texto narrativo, os alunos foram desafiados a montar a história de Catirina e Pai Francisco como se fosse uma brincadeira de quebra-cabeças. O texto, entregue pela professora, digitando e cortado em tiras, deveria ser montado e colado em uma folha, seguindo a ordem dos acontecimentos.

Um tabuleiro de perguntas baseados no auto do bumba-boi proporcionou um momento de descontração para a turma. As duplas jogavam dois dados e o resultado da soma correspondia a uma pergunta interpretativa sobre o texto que estava sendo trabalhado.

O momento da confecção de um dos personagens, o principal, o boi, levou os alunos a utilizar material reciclável – questão levantada como elemento sensibilizador acerca das práticas relacionadas à conscientização dos seres humanos sobre o meio ambiente, no que tange principalmente à importância do reaproveitamento dos recursos que iriam para o lixo.

A atividade final do projeto, a representação do auto do bumba-boi teve com objetivo maior desenvolver, entre outras capacidades, a expressão oral e corporal, a organização da equipe e o discurso em público. Toda a turma se envolveu na produção da apresentação, assistida pela comunidade escolar na festa junina de encerramento do primeiro semestre.

No sentido do exposto, os Referenciais Curriculares para Educação Infantil (BRASIL, 1998) – que podem ser aqui citados porque, embora o projeto tenha sido executado no ensino fundamental, a faixa etária trabalhada se mostra de transição, entre aquela da educação infantil e do ensino fundamental – orientam que a prática do professor poderá imprimir maior qualidade à sua ação educativa ao garantir o prazer lúdico como gerador do processo de produção. A apresentação, também como uma forma lúdica,

concretizou um processo de contextualização e sistematização dos conhecimentos desenvolvidos em sala, além de fortalecer nas crianças maranhenses as origens da cultura de sua região. Nos mesmos Referenciais se afirma ainda que as diferentes aprendizagens se dão por meio de sucessivas reorganizações do conhecimento, e esse processo é protagonizado pelas crianças quando podem vivenciar experiências que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma não simplificada e associados a práticas sociais reais.

Considerações finais

O Maranhão ganha muito com a aproximação da escola a atividades do currículo escolar a partir de suas lendas, suas manifestações populares, da busca pela identidade negra, indígena e da cultura do branco, por ser um Estado multirracial onde convivem um grande número de tribos de indígenas, de descendentes de portugueses que chegaram quando da fundação da capital do Estado e da grande população negra, a terceira maior do Brasil.

Trabalhar com o aluno, fazendo-o vivenciar experiências lúdicas de cunho cultural folclórico, conduzindo-o para um contexto no qual ele possa apropriar-se da leitura e da escrita, bem como os processos que envolvem a construção da sua identidade, é oferecer oportunidades para o aluno se sentir autônomo, integrado à sua realidade, confiante e apto a desempenhar atividades sociocognitivas muito mais complexas, com o passar do tempo.

Desse modo, os alunos poderão ir à escola para aprender para além do âmbito teórico, por meio de conceitos não “amarrados” à sua história de vida, que envolve aquela de sua comunidade, exercendo “o pôr a mão na massa”, conforme proposta apresentada, constituindo-se como autores do seu processo de aprendizagem. Reconstruir sua própria história, transportando-os para dentro da vivência de seus antepassados, fazendo com que possam integrar, às atividades de língua portuguesa, conhecimentos de História, Geografia, Matemática, Ciências e muitos outros, que se conhecem pela vivência e a produção do próprio material didático, mostra-se, assim, um “sonho” – um caminho – educacional tangível.

Recebido em: 23/03/2013

Aprovado em: 31/05/2013

Notas

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB). Pesquisador da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), vinculado ao Grupo de Pesquisa Línguas, Cultura e Identidades da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente, é Professor na UFMA e nas redes públicas municipal de São Luís e do Estado do Maranhão. E-mail: nicomedes@gmail.com
2. Pedagoga. Atualmente, é Professora junto à rede pública municipal do Maranhão. E-mail: danicarvalho11@hotmail.com
3. Mestre em Educação. Pós-graduada em Psicopedagogia. Atualmente, é Professora-formadora da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão e Professora do Núcleo de Tecnologias para Educação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMANET) e do Centro de Ensino Atenas Maranhense (FAMA). E-mail: delcimara.caldas@gmail.com

Referências

BARBOSA, Derly. A competência do educador popular e a interdisciplinaridade do conhecimento. In. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Coord.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 65-77.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Coord.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos. In: FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1981. cap. 3.

_____. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein e Liana Di Marco, Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. Não Apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português. In: NEVES, Iara Conceição et al. (Orgs.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. p. 87-103.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1988.

MORAIS, Artur Gomes. **Alfabetização numa perspectiva para o letramento**: conciliando a escrita alfabética com o trabalho com texto. Comunicação apresentada no curso Desafios da alfabetização do Programa de Formação Continuada dos Educadores da Rede Municipal de Ensino. Recife, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, São Paulo, n. 29, fev./abr. 2004. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/18892732/Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares1>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

SPARTA, Regina. Alfabetizar na educação infantil. Pode? **Revista Nova Escola**, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/alfabetizar-educacao-infantil-pode-424823.shtml>>. Acesso em: 27 nov.2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meoira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.